

# PSICOLOGIA E RELAÇÕES DE GÊNERO

## **Coordenadora:**

Maria Inácia D' Ávila Neto (UFRJ)

## **Participantes:**

Maria Lúcia Rocha-Coutinho (UFRJ)

Maria Cristina Ferreira (UGF)

Miriam Raja Gabaglia Preuss (UFRJ)

Luiza Klein Alonso (USP)

Nara Maria Guazzeli Bernardes (PUCRS)

Terezinha de Camargo Viana (UnB)

## MULHER E DESENVOLVIMENTO: PERSPECTIVAS E DESAFIOS NO CURRÍCULO UNIVERSITÁRIO

*Maria Inácia D'Ávila Neto*  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

Incluir estudos feministas na academia pode significar muitas vezes adotar as mulheres como mais um alvo de pesquisa, sem se adotar uma atitude coerente com o movimento de maior participação das mulheres, inclusive na própria academia. Portanto, para se pensar um currículo universitário onde se insira o papel da mulher para o desenvolvimento, é preciso analisar o que chamamos de desenvolvimento e repensar as assimetrias sociais e as questões mais amplas e conflitantes das sociedades em mudança. Os estudos de gênero, mais particularmente, os estudos sobre a condição feminina, podem estar contribuindo para fazer pensar as desigualdades sociais dentro do meio acadêmico e se revestir de aspectos éticos e axiológicos, precedendo as discussões ditas científicas. Ele deve ultrapassar a discussão disciplinar; não deve ser uma disciplina a mais incluída nos cursos de ciências sociais, pois ele é transversal a todas as disciplinas e a todas as formações.

Com este objetivo, foi realizada a primeira etapa desta pesquisa entre alunos e professores da UFRJ que responderam a um questionário sobre as questões mencionadas acima.

## A MULHER DO PÓS-GUERRA NO BRASIL

*Maria Lúcia Rocha-Coutinho*  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

Partindo da análise do discurso de mulheres brasileiras que constituíram família no período do pós-guerra, pretendemos contribuir para a desmitificação da imagem desta mulher como "vítima", passiva frente à sua própria condição de subordinação, através do desvendamento de algumas estratégias por ela desenvolvidas para afirmar seu desejo e suas necessidades em um contexto social e familiar que pressupõe uma moral materna de total entrega e subordinação pessoal.

## IDENTIDADE DE GÊNERO E AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO

*Maria Cristina Ferreira*  
*Universidade Gama Filho*

De acordo com Spence e Helmreich (1978) e Bem (1981), os traços de personalidade associados ao gênero se diferenciam em duas dimensões independentes (masculinidade e feminilidade), que se encontram presentes,

em maior ou menor grau, nos indivíduos de ambos os sexos. Neste sentido, homens e mulheres podem ser classificados em quatro tipos de gênero: masculinos (alta masculinidade e baixa feminilidade); femininos (alta feminilidade e baixa masculinidade); andróginos (alta masculinidade e feminilidade); indiferenciados (baixa masculinidade e feminilidade).

As relações entre masculinidade e feminilidade e ajustamento psicológico têm sido explicadas por três diferentes modelos (Whitley, 1984). O modelo da congruência postula que o ajustamento está diretamente relacionado à tipificação sexual, e assim, nos homens, um maior grau de ajustamento encontra-se associado a um maior grau de masculinidade, enquanto nas mulheres, um maior grau de ajustamento está associado a um maior grau de feminilidade. O modelo de androginia postula que o ajustamento está associado apenas à androginia, e assim, homens e mulheres andróginos apresentam um maior grau de ajustamento que os indivíduos masculinos, femininos e indiferenciados. O modelo da masculinidade postula que o ajustamento está positivamente associado apenas à masculinidade, e assim, homens e mulheres com um maior grau de masculinidade apresentam um maior grau de ajustamento.

Tendo por base tais formulações teóricas, o objetivo do presente trabalho foi verificar qual o modelo que melhor predizia as relações entre masculinidade, feminilidade e ajustamento, em uma amostra de sujeitos brasileiros.

Participaram do estudo 520 estudantes universitários, sendo 228 do sexo masculino e 292 do sexo feminino. A masculinidade e a feminilidade foram mensuradas através de uma versão brasileira do Questionário de Atributos Pessoais (Spence, Helmreich e Stapp, 1975) e o ajustamento foi operacionalizado através de uma medida de ansiedade (versão brasileira da subescala de ansiedade de traço do IDATE, Spielberg, Gorsuch e Lushene, 1970) e de uma medida de depressão (versão brasileira do Inventário Beck de Depressão, Beck et al., 1979).

O cálculo do coeficiente linear de Pearson evidenciou uma correlação negativa significativa entre masculinidade e ansiedade, na amostra masculina ( $r = -0,62$ ;  $p < 0,000$ ) e na amostra feminina ( $r = -0,55$ ;  $p < 0,000$ ); bem como entre masculinidade e depressão, na amostra masculina ( $r = -0,37$ ;  $p < 0,000$ ) e na amostra feminina ( $r = -0,30$ ;  $p < 0,000$ ). A feminilidade não apresentou correlações significativas com a ansiedade e com a depressão.

Os resultados demonstraram, portanto, que um maior grau de ajustamento, operacionalizado através de menores índices de ansiedade e depressão, estava associado apenas a um maior grau de masculinidade, tanto na amostra masculina quanto na feminina. Conclui-se, assim, que o modelo da masculinidade se mostrou o mais adequado para predizer as relações entre masculinidade, feminilidade e ajustamento psicológico, na amostra considerada no presente estudo.

## PATROAS E EMPREGADAS: RELAÇÕES DE PROXIMIDADE E OPOSIÇÃO

*Mirian Raja Gabaglia Preuss*  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

Ao se considerar a dinâmica simbólica do espaço social, é importante analisar o papel do poder simbólico - como forma transformada e dissimulada de outras formas de poder - e da violência simbólica como uma violência "ignorada como tal, escolhida ao mesmo tempo que vivida, a da confiança, da obrigação, da fidelidade pessoal, da hospitalidade, da doação, da dívida, do reconhecimento...". Essa noção aplica-se a diferentes relações no espaço social e pode ser evocada para se pensar as interações entre mulheres que ocupam os lugares de patroas e empregadas no âmbito do exercício do emprego doméstico. Embora, em um primeiro momento, tal convívio apareça claramente marcado pelas diferenças de classe social, um outro ponto merece ser destacado e diz respeito à questão da mulher enquanto tradicionalmente responsável pelo trabalho doméstico. Do ponto de vista econômico, ao emprego doméstico pode ser atribuída uma função de amenizador de crises porque permite, de formas particulares, o engajamento das mulheres no mercado de trabalho remunerado, quer seja como empregadas domésticas, quer como patroas que a elas recorrem para poderem se ausentar do lar. Entretanto, já em 1980, Souza refere-se a outro nível em que o emprego doméstico assume papel semelhante - ameniza crises - e, nesse caso, no tocante às relações de gênero, na medida em que, segundo a autora, enquanto as mulheres se complementarem na execução do trabalho doméstico, fica garantido o não envolvimento do homem nessas tarefas, conservando-se a tradicional divisão sexual do trabalho e concomitante dominação masculina.

Nossa proposta de trabalho, pretende analisar algumas das relações de oposição/aliança que se estabelecem entre patroas e empregadas enquanto mulheres que participam de uma ampla dinâmica social que em momentos e situações que se alternam - aproxima ou afasta, segundo determinados princípios de visão e divisão dos agentes no espaço-simbólico, sem que disso, na maioria das vezes, venham a se dar conta. Os dados/elementos para tal reflexão, que tiveram como ponto de partida entrevistas com empregadas domésticas, são analisados sob a ótica da dominação simbólica, visando tornar mais explícito o jogo que, ao enredar patroas e empregadas, contribui para a manutenção de formas conservadoras de se lidar com a questão da esfera doméstica e do trabalho que aí se desenrola, remetidos, não casualmente, à mulher. Nessa tentativa, aliam-se à contribuição de Bourdieu(1980), dados e observações de outros autores que examinam o lugar que a mulher vem ocupando no processo de desenvolvimento da sociedade atual.

## MULHER, AFETO E AIDS

*Lutza Klein Alonso  
Universidade de São Paulo*

Nos últimos cinco anos o quadro epidemiológico do HIV/ AIDS no Brasil mudou dramaticamente. Hoje para cada 4 homens infectados há uma mulher com vírus. Estima-se que até o ano 2000, o número de casos em mulheres será igual ao dos homens. Educadores e pesquisadores da área, colocam que o grande empecilho para a prevenção entre as mulheres é o fato de que as mulheres se envolvem em relações sexuais porque estão amando, e que quando amam desistem dos cuidados preventivos. Alguns especialistas já cunharam o jargão "Onde existe a afeição vai se embora a prevenção."

Este trabalho pretende discutir a dialética entre mulher, aids e afeto dentro de uma perspectiva crítica longe de preconceitos e do sendo comum.

## PROJETO DE VIDA DE MÃES E DE FILHOS E FILHAS ADOLESCENTES: CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES INTERGERACIONAIS

*Nara Maria Guazzeli Bernardes  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*

Este trabalho problematiza aspectos da subjetividade e do processo de construção e avaliação do projeto de vida de mães de classes populares bem como de seus filhos e suas filhas adolescentes, na perspectiva de relações de gênero, classe social e raça.

Por meio de procedimentos da análise compreensiva de base fenomenológica, foram colhidos e tratados dados referentes a depoimentos e observações do cotidiano de um grupo de oito mulheres adultas e oito adolescentes mulheres ou homens que habitam a periferia urbana da região metropolitana de Porto Alegre (RS).

O desvelamento da via cotidiana desses sujeitos permitiu identificar esferas específicas de experiência do mundo familiar, do mundo da escola, do mundo do trabalho doméstico ou remunerado, do mundo do lúdico. Possibilitou compreender aspectos da constituição de subjetividades femininas e masculinas. Tornou possível, igualmente, compreender a articulação da família, do trabalho e da escola na construção do projeto de vida das mulheres adultas, assim como das mulheres e dos homens adolescentes, o qual se constitui, basicamente, ao redor de dois eixos: trabalho e família. O olhar sobre o projeto de vida de mães e filhos ou filhas conduziu à reflexão sobre continuidades e descontinuidades intergeracionais em mulheres negras e não-negras e homens negros e não-negros de classes populares que vivem em uma sociedade urbana complexa.

## ACERCA DA IGUALDADE E DA DIFERENÇA: LUXO, CULTURA E FEMINILIDADE

*Terezinha de Camargo Viana*  
*Universidade de Brasília*

Uma das implicações epistemológicas mais relevantes que emerge da reflexão teórica sobre relações de gênero é a exigência de transcender a conotação naturalizante da categoria sexo e buscar entender a conformação do feminino/masculino num enfoque relacional. Este trabalho, desdobramento de uma pesquisa sobre a constituição da subjetividade moderna, mantém referência a esse pressuposto teórico. Assim, consideramos importante retomar uma perspectiva histórica e acompanhar, no interior das formulações de concepção sobre o humano que se tomaram características nas sociedades modernas, como se pensa o engendrar da feminilidade. Privilegiamos como temática uma discussão característica do Antigo Regime. Dessa forma, apresentamos, analisamos e problematizamos sobre as associações que se estabelecem no imaginário social entre luxo, cultura e feminilidade e suas ressonâncias em termos de se pensar as categorias de igualdade e diferença entre os gêneros.